



IMPROPÉRIOS: uma análise descritivo-lexicográfica

Francyne Wigand Auatt
(Licenciada em Letras- IFFluminense)

Marco Aurélio Pereira Reis Júnior
(Licenciado em Letras- IFFluminense)

Ana Lúcia Monteiro R. Poltronieri Martins
(Doutora em Letras- UERJ/ IFFluminense)

Resumo: este trabalho se propõe a pesquisar um grupo de palavras que é comumente discriminado nas gramáticas tradicionais e pedagógicas, assim como nos estudos linguísticos: os palavrões, ou xingamentos, também conhecidos como impropérios. Isso faz pensar que a ausência e ou presença dos impropérios em nossas gramáticas ou dicionários se deva, talvez, a fatores de ordem ideológica e a crenças pessoais em relação a esse grupo de palavras. Nesse sentido, o objetivo primordial deste artigo é examinar o papel descritivo- lexicográfico dos impropérios, comumente conhecidos como “palavrões”, nos principais dicionários da língua portuguesa.

Palavras-chave: impropérios, descrição da língua, léxico, dicionários.

1 Introdução

Ultrapassando a visão de língua somente como ato de comunicação, mas vendo-a como fator de interação sociocognitiva e cultural, o sentido de uma palavra passa necessariamente pelo sentido na língua e, principalmente, no discurso. Há de se ter em mente que o palavrão só poderá ser compreendido funcionalmente se inserido no discurso, visto que são as condições de enunciação que revelam o sentido da palavra, assim como o papel sócio-histórico e cultural do seu enunciador. Entretanto, nota-se que muitos dicionários de língua portuguesa se abstiveram do discurso em razão de um julgamento de valor sobre os impropérios, embora, no uso da língua, o falante possa dar a eles outros valores, como, por exemplo, uma forma carinhosa de tratar outrem com quem se tenha um grau elevado de intimidade.

Nesse sentido, uma das intenções deste trabalho a intenção é examinar, parcialmente, as causas que levam um determinado grupo de palavras – e, não raro, aqueles que as utilizam – a ser tratado de maneira marginalizada. Por que motivo algumas palavras tornam-se proibidas? Por que, muitas vezes, como usuários do idioma,



somos obrigados a renunciar a toda essa expressividade contida em um impropério? Qual a relação desse léxico, socialmente marginalizado, com temas sociais considerados tabus, como a sexualidade e a escatologia? Não haveria contextos sociais em que um “por obséquio?” pudesse soar mais estranho do que uma “puta que pariu!”? São esses alguns dos questionamentos que nos impulsionam a estudar os impropérios, ou palavrões.

Deve-se esclarecer que, como contribuição cultural e pedagógica, não se pretende aqui fazer uma apologia ao uso indiscriminado de impropério, mas apenas defender a perspectiva da naturalização do uso e do estudo dos palavrões e xingamentos que, como qualquer outra palavra da língua portuguesa, podem ser adequada ou inadequadamente empregados, dependendo apenas do contexto discursivo em que se insiram. Pôde-se perceber também a relativa escassez de publicações a respeito do tema no Google Acadêmico, o que, por si só, já justificaria um estudo sobre os impropérios e os tabus e preconceitos a eles correlacionados. Ainda no contexto social, é de ressaltar-se a potencial capacidade que tem este trabalho de dar início a relevantes e necessárias discussões acerca do preconceito linguístico ou, ainda, a respeito da marginalização de determinados segmentos sociais - e, por via de consequência, de sua produção cultural - calcada, dentre outros fatores, nas escolhas lexicais desses grupos. Para tanto, serão selecionados alguns verbetes de dicionários, a fim de se comparar a relação que se estabelece entre as escolhas lexicais feitas e as intenções comunicativas predicadas pelo lexicógrafo.

Por fim, no âmbito acadêmico, entende-se como relevante e pertinente demonstrar a necessidade e a viabilidade de trazer, da informalidade para a formalidade, os estudos acerca dos palavrões, que, em raríssimas oportunidades, ganham o espaço da sala de aula, onde, quase que invariavelmente, são tratados de maneira preconceituosa, como se não existissem ou não fizessem parte do nosso léxico. Os impropérios, como palavras que são, têm o seu contexto de utilização, e não se pode negar aos alunos, em nome de um anacrônico moralismo, esse conhecimento.

2 Os Impropérios: funções e valores



Muitas palavras podem variar ou ganhar novos sentidos de acordo com o tempo, espaço e a cultura em que são empregadas. É o caso da palavra latina “vírus”, que, em sua origem, significava “veneno”, mas, nos séculos XIX e XX, respectivamente, significam “[...] organismos microscópicos que, causadores de várias doenças, se reproduzem [...]” (DICIO DIGITAL, 2009-2018) e “programa que, independentemente da autorização do usuário, se instala em computadores, causando efeitos ou danos dos mais variados tipos” (DICIO DIGITAL, 2009-2018). Diferentemente da palavra “vírus”, há palavras que, quando usadas, são consideradas chulas ou constrangedoras pela maior parte das pessoas, como é o caso dos impropérios, ou xingamentos. Muitas, em sua origem, não eram consideradas xingamentos; outras, ao contrário, perderam seu status de xingamento e se transformaram em uma palavra como outra qualquer, sem causar ofensas a quem ouve.

Primeiramente, é necessário dizer que as palavras ditas “chulas” chamam a atenção do ouvinte, de forma que, independentemente do juízo que o indivíduo faz em relação ao uso do palavrão, os impropérios têm uma capacidade de despertar uma carga emocional forte em quem os enuncia e a quem eles se dirigem, o que não ocorre, geralmente, nas palavras consideradas “próprias” para o uso. Para se entender por que os palavrões despertam essa carga emocional, é mister pensar o sistema linguístico tal como Saussure (2002) o postulou, ou seja:

Um sistema linguístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias; mas essa confrontação de um certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores; e é tal sistema que constitui um vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo. Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo; é mesmo a única espécie de fatos que a língua comporta, pois o próprio da instituição linguística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças. (SAUSSURE, 2002, p. 139-140).

A teoria de signo linguístico desenvolvida por Ferdinand de Saussure estabelece a relação entre o significante e o significado, sendo o signo uma entidade biunívoca. O significante refere-se à imagem material da palavra – grafia e som – enquanto o significado é o processo mental em que o indivíduo faz ao relacionar a parte acústica ou gráfica da palavra ao sentido que é atribuído ao termo. Por isso, quando um indivíduo



escuta, por exemplo, alguém falar “boceta”, automaticamente, associa a palavra ao órgão sexual feminino, despertando uma carga emocional que pode resultar em diversas sensações, como constrangimento, vergonha, lascívia, raiva, entre outros.

Os impropérios são descritos, na maior parte dos dicionários, como uma “ofensa lançada contra alguém; ultraje e insulto” (HOUAISS, 2009) e, na perspectiva do linguista Steven Pinker (2008), eles têm, no mínimo, cinco funções diferentes, não podendo, portanto, restringir-se apenas à ideia de uma atitude agressiva ou de uma ofensa dirigida a alguém. Em outras palavras, Pinker (2008) afirma que os impropérios podem ser usados em diversos contextos com as possíveis funções descritiva, idiomática, agressiva, empática e catártica:

(...) as pessoas falam palavrão de pelo menos cinco maneiras diferentes: descritiva, (Let's funk [vamos trepar]), idiomática (It's fucked up [Está fodido]), agressiva {Fuck you, mother-fucker! [Vá se foder, filho-da-puta]}, empática (This is fucking amazing [Que puta legal]) e catártica (Fuck!!! [Putá que pariu!!!]). (PINKER, 2008, p. 398).

Como aponta o autor, a ideia de que o palavrão seja uma “palavra grosseira e/ou obscena, bocagem, impropriedade, linguarada, obscenidade, pachouchada, palavrada, porcaria, turpilóquio” (HOUAISS, 2009) é uma forma equivocada para pensar nessa categoria de palavras, pois, como Pinker (2008) exemplifica, os palavrões, além de apresentarem uma possibilidade de expressar um sentimento de raiva, também auxiliam o indivíduo a expressar com maior entusiasmo um elogio, empatia ou um sentimento de qualquer natureza.

Corroborando a ideia apresentada por Pinker (2008), Orsi (2011) também aponta para o uso dos palavrões com uma finalidade distinta daquela que é apenas a de insultar alguém. Para a autora, os impropérios podem ser empregados com três valores distintos: função expressiva, valor denotativo e valor da situação do discurso no mapa social. O conceito de função expressiva é o mesmo apresentado por Pinker (2008), isto é, para os autores, os impropérios são palavras que têm uma forte carga expressiva e, por isso, são capazes de desenvolver alguma emoção no interlocutor. Segundo Orsi (2011), a capacidade de provocar algum sentimento no indivíduo que fala ou escuta o palavrão decorre justamente da forte expressividade dessas palavras. Portanto, para manter a eloquência dos impropérios, essas palavras devem ser resguardadas e usadas apenas em



situações de discurso adequadas ao contexto, evitando, assim, a perda de expressividade que os palavrões carregam. Logo, para a autora, seu uso exagerado pode causar a banalização dos impropérios, transformando-os em vocábulos comuns. É o que já acontece com palavras como “porra”, “merda”, “caralho”, que aparecem como interjeições em muitas falas, tendo o seu sentido de palavrão esvaziado.

A segunda função do palavrão trazida por Orsi (2011) é o valor denotativo direto que os impropérios carregam por se referirem, muitas vezes, aos órgãos genitais. Assim, os impropérios podem ser utilizados com a função de figuras de linguagem, como o caso dos eufemismos e das metáforas. Desse modo, a autora afirma que palavras como “[...] ‘perereca’, ‘perseguida’, ‘pomba’, ‘xoxota’ e ‘vulva’¹, que metaforicamente podem fazer também referência ao órgão sexual feminino, e ‘cacete’, ‘pau’, ‘banana’, ‘pinto’ e ‘caralho’, para o órgão sexual masculino [...]” (ORSI, 2011, p. 344).

Por fim, a última função descrita por Orsi (2011) refere-se ao valor da situação do discurso e, por isso, o valor de determinado palavrão só poderá ser estabelecido de acordo com a situação e o contexto social usado. Dessa forma, seria um equívoco afirmar que um palavrão é, apenas, um ato de insultar ou ofender alguém, sem considerar o contexto e a entonação em que o impropério foi empregado (ORSI, 2011, p. 337- 338). Nesse sentido, para ilustrar o ponto de vista da autora, criam-se duas situações distintas. Na primeira, João não está conseguindo desempenhar uma função sozinho e, em razão das tentativas fracassadas, resolve chamar um amigo para ajudá-lo. Após a ajuda, João consegue desempenhar a função e, feliz, exclama “você é um filho da puta!”. Já, na segunda situação, João está dirigindo, e outro motorista ultrapassa o sinal vermelho e quase provoca um acidente; então, João, indignado, grita “você é um filho da puta!”. Percebe-se que, nesses dois contextos, a expressão “filho da puta” é usada com finalidades distintas. Portanto, com esses dois exemplos, nota-se que não existe expressão ou palavra que seja por si só ofensiva. Qualquer palavra, incluindo os impropérios, poderá ser usada para indicar diversos sentimentos; por isso, ao se considerar o contexto, o uso do palavrão, muitas vezes, em vez de indicar raiva, pode ser um indicativo de intimidade e carinho, conforme demonstra Orsi (2011):

1 Aqui, há uma discordância. Os autores deste trabalho não concordam que o termo “vulva” seja elencado no rol dos palavrões, visto que é um termo usado na terminologia da área médica.



Muitos dos palavrões não são aceitos em todos os contextos, mas entre amigos, familiares e em relacionamentos amorosos, encontra-se um emprego que assinala intimidade e familiaridade. (...) o palavrão é simplesmente um registro que marca liberdade, além de ser um meio eficaz de despertar a atenção do receptor. (ORSI, 2011, p. 339).

Outro aspecto interessante que se deve considerar, ao relacionar palavrão e contexto social, é observar que o uso dos impropérios pode representar um meio de integração em um grupo. Assim como a gíria, o palavrão também pode representar um instrumento de prestígio social em determinados grupos. Por isso, desconstrói-se a ideia comum de se pensar o palavrão sempre como uma palavra marginalizada e destinada à função negativa no discurso, surgindo a possibilidade, então, do palavrão como símbolo de poder, conforme demonstra Orsi (2011):

Com efeito, notamos a vulgarização de certos itens léxicos considerados de baixo prestígio social, como as gírias – das quais surgem os mais atualizados palavrões – e o léxico obscuro, que podem adentrar na linguagem dos falantes em geral, encaixando-se em outros níveis de prestígio social, que é uma valoração social positiva, digna de imitação, por ser positivamente avaliada, na base da alta escala social. O prestígio é, portanto, propriedade objetiva, depende da avaliação de certas características sociais ou pessoais que membros de uma comunidade consideram particularmente desejáveis ou indesejáveis em termos de sucesso, riqueza, imagem ou estilo de vida. Por isso, podem ser criadas outras normas linguísticas subjetivas, por meio das quais se estabelecem critérios de aceitabilidade social da linguagem. (ORSI, 2011, p. 338).

Portanto, como evidenciado, o impropério pode ser fonte de prestígio, fazendo com que o indivíduo sinta o desejo ou a necessidade de usá-los para pertencer a um determinado grupo social ou comunidade em que está inserido.

Outra perspectiva sobre o uso do palavrão é apresentada por Rocha e Oliveira (2015), cuja fundamentação apoia-se na ideia de que o palavrão, além de expressar o sentimento de um dado momento, também atua como um instrumento capaz de canalizar a raiva. Segundo os autores, xingar é um ato comum, espontâneo e uma atitude positiva, pois, ao xingar, o indivíduo direciona um sentimento ruim, que teria um potencial para tornar-se uma atitude violenta e o transforma em palavras capazes de liberar o estresse e a dor, como afirmam os autores:

Além de aliviar a dor e o estresse, o palavrão pode dissipar a raiva e evitar uma agressão física. Ele atua ainda como elemento de socialização e comunicação de um estado de euforia. (...). No processo de comunicação direta, a fala apresenta-se recheada de sentimentos e emoções que expressam



o que estamos sentindo naquele exato momento. Assim, surge o que chamamos de linguagem popular, e, também, os palavrões. (ROCHA e OLIVEIRA, 2015, p. 351).

Nessa perspectiva, é comum ouvir relatos de pessoas dizendo que xingam no trânsito quando estão com raiva, estressadas ou indignadas com alguma situação. O ato de xingar é uma forma de liberar o estresse, evitando atitudes agressivas como a violência física. Dessa forma, ao falar sobre o aspecto positivo dos impropérios, os autores lançam uma dura crítica às pessoas que condenam e demonizam seu uso. Segundo Rocha e Oliveira (2015), as pessoas que julgam aqueles que xingam baseiam-se apenas em fundamentos hipócritas, pregando um discurso da moral e dos bons costumes; porém, este discurso carrega um preconceito linguístico ao querer proibir o uso de determinadas palavras que são capazes de expressar, em parte, a identidade de um povo, visto que:

A hipocrisia é um sintoma de anormalidade no comportamento e nas relações sociais. Cria-se uma falsa imagem de pessoas, arautos da moralidade, da ética e dos bons costumes, defensores dos princípios e dos valores da família, tidos como verdadeiros e absolutos, quando na verdade não passam de hipócritas. Ninguém é imune aos palavrões na cultura brasileira. Tal realidade faz parte do jeito de ser, de fazer e de viver do povo brasileiro. (ROCHA e OLIVEIRA, 2015, p. 353).

Portanto, percebe-se que todos devem ter o direito de escolher incluir ou não os impropérios ao seu vocabulário; porém, segundo os autores supracitados, é uma atitude preconceituosa e autoritária querer proibir o outro de usá-los, pois

para além de seu significado negativo, conforme querem impor determinadas camadas sociais, é fato que o palavrão é um elemento da cultura popular, existe em qualquer sociedade do globo terrestre e reprimir seu uso traduz-se como um meio de repressão comportamental (ROCHA e OLIVEIRA, 2015, p. 354).

Maingueneau (2010), importante teórico da Análise do Discurso francesa, também apresenta a ideia do uso dos impropérios como uma forma de demonstrar uma relação de proximidade e intimidade entre os falantes que utilizam o palavrão em suas conversas, pois “os locutores armazenam certo número de palavras com as quais passam ter mais familiaridade e que eles só poderão utilizar em situações muito particulares” (MAINGUENEAU, 2010, p. 84). Afinal, não é com qualquer pessoa que se pode falar



um “vai se foder” ou empregamos palavras como “cu” e “boceta”. Portanto, há um determinado vocabulário que só se usa com pessoas com as quais se tem maior intimidade e liberdade. Logo, o uso de um palavrão pode também estar ligado ao grau de intimidade entre as pessoas.

Vimos que são muitas as funções dos impropérios, além daquelas negativas, tão conhecidas. Portanto, com base nos autores citados, percebe-se que, além do uso habitual dos palavrões pelos falantes, que podem incluir ou excluir esse vocabulário de suas escolhas lexicais, tornando-se, assim, algo dispensável ou indispensável, de acordo com o discernimento e a necessidade de cada sujeito, o palavrão ganha um caráter fundamental na literatura pornográfica, segundo Maingueneau (2010). O autor francês diz que os impropérios são essenciais na literatura pornográfica por sua capacidade de tirar o indivíduo da sua zona de conforto, perturbando-o por meio da forte carga emocional. Assim, nas palavras de Maingueneau (2010), o palavrão é um elemento indispensável nesse gênero literário, porque

[...] a escrita pornográfica visa satisfazer, nos dois sentidos da palavra: exaustão do desejo, saturação de todas as aberturas possíveis do corpo. Trate-se também de uma escrita que, à imagem daquilo que ela mostra, dá-se como desnudada, sem artifício enganador, que vai ao essencial. Ela pretende se desembaraçar de todos os véus, permite ver tudo. (MAINGUENEAU, 2010, p. 86).

Nesse sentido, tachar e julgar os impropérios como palavras “chulas”, “impróprias”, “desnecessárias”, “vis” ou “rudes”, entre outros adjetivos negativos, corresponde a marginalizar, por influência ideológica, religiosa ou familiar, esse grupo lexical que tem suas situações de uso, inclusive na literatura – e não apenas na pornográfica – nas quais sua carga emocional e os efeitos que provoca no leitor convertem-se em um recurso de grande utilidade.

Sendo assim, nesta seção, ressaltaram-se as funções positivas dos impropérios e a sua importância no cotidiano dos falantes que optam por incluí-los em suas escolhas lexicais. A ideia de ver o impropério como um ato agressivo dirigido a alguém, motivo pelo qual o palavrão torna-se uma palavra proscrita em muitas sociedades, será analisado na seção seguinte.

3 Origem dos palavrões



Os palavrões são termos que são considerados impróprios pela maior parte das pessoas. No entanto, por que essas palavras são assim rotuladas? Segundo Pinker (2008), a origem dos palavrões, independentemente do seu valor semântico, possui, na maior parte das línguas, suas origens apoiadas na religião. Portanto, volta-se ao tempo em que as pessoas acreditavam e temiam o julgamento e a ira de um deus. O autor mostra que antes de existir um Estado laico e os contratos burocráticos, a única garantia que os indivíduos tinham, ao realizar um negócio, era o medo da punição que um ser superior – uma divindade qualquer - poderia sentenciar para aquele que faltasse com honra ou repudiasse os ensinamentos da Bíblia. Por isso, as promessas, pragas e todas as variações de punições que os habitantes poderiam sofrer por um deus qualquer eram exclamadas a fim de selar um compromisso de honradez, pois

Antes de existir tal aparato legal e comercial para garantir nossos contratos, éramos os responsáveis por nossa própria punição. As crianças ainda selam suas promessas dizendo [que eu morra se mentir] os adultos fazem a mesma coisa, invocando a ira divina, [que um raio caia na minha cabeça se eu estiver mentindo] e variações como [Deus é testemunha], [me derrube] [me despedace], [que Deus me cegue]. (PINKER, 2008, p. 388).

É interessante que, embora vivamos em um sistema regido por leis, com um aparato formal (contratos burocráticos, como leis, portarias, constituição), é comum ainda ouvir frases que remetem à ira de uma divindade, caso o indivíduo esteja sendo falacioso. No entanto, mesmo que ainda seja comum, o valor que é empregado não tem mais o mesmo efeito que tinha no passado. Assim, à medida que as sociedades se transformam, afastando e questionando o poder das divindades, os juramentos e as pragas são transfigurados para os atuais palavrões, que podem ter uma conotação de cunho religioso, sexual ou escatológico. Analisar-se-ão, agora, dois palavrões que se referem ao sexo – “foder” e “porra”. Segundo Pinker (2008), o tabu dessas palavras ocorre pela relação que existe com o assunto, pois sexo é tabu e conversas sobre esse tema geram constrangimentos. Assim, perguntar-se por que esse assunto é tão embaraçoso, já que sexo é algo natural e, em tese, produz prazer nos indivíduos que praticam. A resposta decorre de todas as variáveis possíveis que envolvem o sexo, que, muitas das vezes, pode servir como um potente instrumento de propagação de terríveis doenças como a sífilis, Aids, hepatite C, entre outras, e, por isso, existe a hipótese de



que as palavras que remetam à prática do sexo sejam condenadas e rotuladas como impropérios. Complementando essa concepção, o ato sexual tornou-se para algumas pessoas uma lembrança ou uma experiência desagradável, pois pode ter sido resultado de uma violência, abuso, degradação emocional e física, levando essas emoções para os impropérios, como aponta o autor:

Há muita coisa em jogo no sexo, como exploração, doença, ilegitimidade, incesto, ciúme, violência conjugal, traição, abandono, hostilidades, violência infantil e estupro. Esses perigos existem há muito tempo e deixaram sua marca em nossos costumes e em nossas emoções. Pensar sobre sexo costuma ser pesado, não é uma coisa fácil. As palavras para o sexo podem ser ainda mais delicadas, porque, além de evocar os pensamentos carregados, implicam o compartilhamento desse pensamento entre duas pessoas. (PINKER, 2008, p. 395).

Assim, nessa lógica das variáveis que o sexo abrange, os termos “piranha” e “puta” ganham o sentido de palavras obscenas, porque estão associadas ao sexo e, assim, essas palavras são descritas, respectivamente, no *Dicionário Houaiss* (2009), como “mulher de vida licenciosa, que mantém relações sexuais com muitos homens; ‘vadia’ e ‘qualquer mulher lúbrica que se entregue à libertinagem’” (HOUAISS, 2009). Já em relação aos impropérios como “boceta”, “caralho” e “cu”, estes, além de representarem os principais órgãos para a prática do sexo, também são os órgãos encarregados de liberar os líquidos corporais, ou seja, os excrementos. A outra hipótese, então, para uma palavra tornar-se um impropério é a referência que essas palavras mantêm com a ideia dos excrementos que o corpo libera. Assim, atualmente, a melhora nas condições sanitárias evita que as pessoas tenham o contato direto com esses excrementos; mas, outrora, as pessoas não tinham acesso ao saneamento básico, ou seja, era comum o contato com fezes e urina; portanto, a higiene era bem precária, como indica Pinker (2008, p. 391): “O enigma fica menos misterioso se se pensar nas contaminações numa era anterior aos absorventes internos, à higiene, aos remédios contra fungos.” Logo, o que causa nojo e repulsa, como os excrementos e os orifícios que liberam esses fluidos corporais repugnantes e potencialmente perniciosos à saúde, rotula-se como palavras impróprias.

Defende-se, então, que palavrões com conotação sexual e escatológica têm seus tabus fundamentados nas ideias que geram constrangimento, raiva, nojo e repulsa. Por último, afirma-se que, como parte dessa formação de tabu, adaptou-se a uma prática que nasceu com a religião, pois “embora não praguejemos muito com base em doenças, como



normalmente acontece no discurso bíblico, praguejamos sim com base em líquidos corporais e nos orifícios e atos de excreção” (PINKER, 2008, p. 391).

Conforme Pinker (2008) sustentou, os impropérios tornaram-se palavras proibidas pela relação que elas mantêm com os órgãos genitais e com os excrementos que esses órgãos liberam. No entanto, embora ainda haja muita polêmica em relação ao uso dos palavrões, Orsi (2011) afirma que o uso de palavras obscenas e eróticas pelos indivíduos tem aumentado nos últimos tempos em decorrência da inserção dos impropérios na cultura de massa - letras de músicas, filmes e televisão. A autora evidencia que, embora os impropérios estejam sendo usados com maior frequência, o uso dessas palavras ainda desperta muita crítica, pois os impropérios representam uma ruptura em um padrão linguístico da gramática normativo-prescritiva. Por outro lado, para a autora, o palavrão também pode gerar uma reação de curiosidade e surpresa, fazendo com que alguns indivíduos os incorporem ao seu léxico (ORSI, 2011). Para ilustrar a ideia apresentada pela autora, pode-se pensar na mídia nacional, que tem usado, cada vez mais, os impropérios. Na TV Globo, o apresentador Fausto Silva é conhecido pelo constante uso do jargão “*Porra, meu!*”. Não parece que o uso desse palavrão tenha causado alguma indignação no público que assiste ao programa, do contrário, possivelmente, o apresentador teria sido repreendido e proibido de fazer uso da expressão. Percebe-se também que, aos poucos, outros palavrões estão sendo inseridos na programação da TV, como as novelas das onze que, normalmente, apresentam capítulos cujos personagens utilizam os impropérios, ou xingamentos.

No caso dos filmes nacionais, os palavrões também estão sendo empregados com alguma frequência, o que gera, como aponta a autora, ou uma reação positiva – curiosidade e surpresa - ou uma reação negativa, materializada em duras críticas. Exemplos dessa possibilidade de satisfação ou de repúdio são os filmes *Cidade de Deus* e *Tropa de Elite*, aclamados por uns e criticados por outros pela forte presença de palavrões. Essa dualidade também é vista em algumas músicas que carregam os impropérios em suas letras, como as letras de funk chamadas de “proibições”.

Por fim, chega-se à conclusão de que esse processo de ampliação do uso dos palavrões pode fazer com que os impropérios se tornem palavras comuns, retirando-as do rol das palavras marginalizadas. Orsi (2011) estabelece uma relação direta entre a



perda da obscenidade e a desmitificação do sexo, decorrente de uma inserção cada vez mais frequente do tema nas culturas de massa.

4 Impropérios e lexicografia

Para os autores deste trabalho, é necessário fazer, sob a ótica da lexicografia, uma análise comparativa das acepções de verbetes considerados impropérios ou palavrões em sete dicionários monolíngues, em suporte de papel, produzidos em diferentes épocas, a fim de mostrar que os impropérios estão sujeitos a um juízo de valor, mesmo nos dicionários, nos quais se espera um alto grau de objetividade. O positivismo científico, tradicionalmente, conduz à ideia de um asséptico afastamento entre pesquisador e objeto, em prol de uma suposta neutralidade científica. Paralelamente, no senso comum, imagina-se que a ciência tenha a capacidade de abarcar e explicar toda a realidade. Assim, antes de serem iniciadas as análises dos verbetes propriamente ditas, são necessários alguns comentários acerca dessas ideias de neutralidade e completude dos dicionários de língua².

Com efeito, os dicionários de língua costumam ser vistos como obras científicas e, como tais, neutras e completas. Em outras palavras, no imaginário comum, os dicionários teriam a capacidade de reunir todas as palavras de uma língua, definidas a partir de um ponto de vista de total isenção ideológica. Entretanto, Chauí (2002), acerca da neutralidade científica, assevera que

Como a ciência se caracteriza pela separação e pela distinção entre o sujeito do conhecimento e o objeto; como a ciência se caracteriza por retirar dos objetos do conhecimento os elementos subjetivos; como os procedimentos científicos de objeto construído como modelo aproximado do real; e, enfim, como os resultados obtidos por uma ciência não dependem da boa ou má vontade do cientista nem de suas paixões, estamos convencidos de que a ciência é neutra ou imparcial. Diz à razão o que as coisas são em si mesmas. Desinteressadamente. Essa imagem da neutralidade científica é ilusória. (CHAUÍ, 2002, p. 359).

Paralelamente, Orlandi (2002), tomando o dicionário como discurso, sustenta que as supostas neutralidade e completude dos dicionários seriam, na realidade, seu

² Embora a palavra “dicionário” esteja ligada prioritariamente à área de estudos de línguas, é necessário dizer que há dicionários que explicam a terminologia de uma determinada área, como os dicionários de Fonética e de Fonologia, de Sociolinguística, da área de Direito, entre outros.



efeito discursivo, ou seja, aquilo que “nos dá uma língua (imaginária) homogênea, perfeita, completa, sem falhas. Do mesmo modo, o dicionário parece não ter ideologia, sendo ‘neutro’, ou melhor, tendo a neutralidade (universalidade) da língua” (ORLANDI, 2002, p.102).

É, portanto, a partir dessa perspectiva, que rechaça as ideias de neutralidade e completude científicas, que se analisarão os verbetes de sete (07) dicionários: *Aulete* (1964), *Aurélio* (1986), *Michaelis* (2002), *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (2007), *Houaiss* (2009), *Dicionário do palavrão e termos afins* (2010) e *Dicionário UNESP do português contemporâneo* (2012). Para tanto, sistematizar-se-ão quadros que trazem as definições de cinco impropérios, definidos em ordem alfabética: *boceta*³, *caralho*, *cu*, *foder*, *merda*. Para cada quadro, serão apresentadas sete definições do verbete a fim de cotejar cada impropério, mostrando as diferentes concepções trazidas pelos dicionários. É importante ressaltar que a ordem dos dicionários não tem caráter valorativo e, por isso, foi estabelecida a partir do ano de publicação de cada dicionário. Será, portanto, por meio desses quadros, que se farão as análises das diferentes definições.

Quadro 1 – Definições do verbete *boceta*

DICIONÁRIOS	BOCETA
AULETE (1964)	BOCETA (ê), s. f. caixa pequena, ordinariamente cilíndrica ou oval. Particularmente, caixa de que usa o gravador. Casta de tangerina. Variedade de manga. (Madeira) Caixa de rapé. (Bras.) (chul.) Vulva; partes pudendas da mulher. (Bras.) Aparelho de pesca. Boceta de Pandora, origem enganadora de muitos males. F. Gr. Pyxis (caixinha de luxo), lat. <i>Pyxis</i> . b. lat. <i>Buxeta</i> .
AURÉLIO (1986)	boceta (ê). [Do provenç. <i>Boiseta</i> .] S. f. 1. Caixinha redonda, oval ou oblonga: “Bocetas atochadas de pastilhas e docinhos perfumados.” (Fialho d’Almeida, Lisboa Galante, p. 85) 2. Caixa de rapé: “tirou a boceta de rapé, demorou-se com ela na mão, levando, um pouco trêmulo, dois dedos da areia-preta às ventas.” (Agripa Vasconcelos, Fome em Canaã, p. 96). 3. Bras. Certo aparelho de pesca. 4. Bras. Chulo. V. vulva. *Boceta de Pandora. Fig. A origem de todos os males. Boceta-de-mula. S. F. Bras. Árvore da família das esterculiáceas (<i>Sterculia pruriens</i>), da floresta pluvial, de

3 Verbetes vulgarmente conhecido como buceta.



	folhas muito grandes, flores pequenas, e cujo fruto é um grande folículo lenhoso e arredondado, com três a cinco sementes negras, que encerram 16ç de um óleo amarelo e se acham recobertas de pelos ruivos muito irritantes para a pele; tacazeiro. [Pl.: bocetas-de-mula.]
MICHAELIS (2002)	1. Pequena caixa de madeira ou papelão, oval, ou ablonga, para guardar objetos de valor. 2. Caixa de rodapé. 3. Bolsa de rapé. Bolsa de borracha para guardar tabaco. 4. Caixa de que usa o gravador. 5. Aparelho de pesca. 6- ch Vulva. B. anatômica: depressão na base do primeiro osso metacarpiano, formada pelos tendões do extensor longo e do extensor curto polegar; tabaqueira anatômica. B. de Pandora: origem de todos os males.
Dicionário etimológico da língua portuguesa (2007)	Boceta <i>sf.</i> ‘caixinha redonda, oval ou oblonga’ XIV, bu-XIV, <i>buxeta</i> XIV, <i>bucheta</i> XIV, <i>bueta</i> XV etc. ; ‘bras. chulo vulva’ XX. Do lat. <i>buxis –idis</i> , através do fr. <i>boite</i> . O vo. fr. <i>boite</i> entrou duas vezes no port., mas com acepções distintas e diferentes adaptações prosódicas: o a. port. <i>bueta</i> (séc. XV) ‘boceta, caixa’ e, modernamente, <i>boate</i> (séc. XX) ‘estabelecimento comercial, em geral de funcionamento noturno, com pista de dança e palco onde se apresentam artistas’.
HOUAISS (2009)	S.f. (s.XIV) 1 Caixinha redonda, oval ou ablonga, feita de materiais diversos e us. para guardar pequenos objetos <uma b. de confeitos> 2 caixa de rapé 3 bolsa de borracha para guardar fumo 4 B tab. Vulva 5 PSC B tipo de aparelho de pesca ETIM lat. <i>Buxis, idis</i> ‘especie de recipiente, caixa’, através do fr. <i>Boîte</i> ‘caixa’ PAR <i>bocete</i> .
Dicionário do palavrão e termos afins (2010)	Boceta. “órgão sexual feminino” (Portugal, Brasil), registram Silveira Bueno (3) e Chermont (56). Abons.: 1. “Ardia logo, e à custa da <i>boceta</i> / Por dois bolos dava é que fodia” [CARVALHO, Antônio Lobo de (Portugal: 1730-1787), “Soneto CXXXVII”. In: <i>Poesia portuguesa erótica e satírica</i> (Séculos XVIII-XIX). Portugal, Edições Afrodite, 1975, p. 1041; 2.] “...e ele com o dedo grande do pé querendo alcançar a <i>boceta</i> de Ruth...” [BORBA FILHO, Hermilo. <i>O cavalo da noite</i> . Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1968, p. 91].
Dicionário UNESP do português contemporâneo (2012)	bo.ce.ta SF 1 caixa pequena, oval ou alongada, para rapé; pequena caixa 2 (<i>Ch</i>) vulva. *A acepção 1 é muito pouco usada e a 2 é muito grosseira e vulgar.

No dicionário *Aulete* (1964), aparecem cinco acepções, na qual a quarta refere-se à vulva. Em cada acepção existe uma pequena explicação, que, no entanto, não se trata



de uma frase de contextualização de um sentido possível. Para *vulva*, aparecem o adjetivo chulo e uma explicação: "partes pudendas da mulher". Ao se procurar o significado do verbete *pudendas* no dicionário *Aulete* digital (2017), descobre-se que significa: "a.1. Que não se expõe, que tem recato, pudor; PUDICO 2. Que é objeto dessa pudicícia (partes pudendas). 3. Anat. Ref. aos órgãos genitais (patologia pudenda). Ou seja, boceta seria o órgão feminino que não deve ser exposto". No dicionário *Aurélio* (1986), além das quatro acepções para o impropério, também há frases que contextualizam os significados possíveis. No entanto, para o sentido de vulva, não existe frase explicativa, mas tão somente a adjetivação negativa "chulo". Já no dicionário *Michaelis* (2002), aparecem seis significados para o verbete *boceta*. Na última acepção, encontra-se "vulva", que também está qualificado como termo chulo "Ch". Além do *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (2007) atribuir o adjetivo chulo para *boceta*, como os outros dicionários já analisados, o verbete aponta que a origem do vocábulo no sentido de vulva ocorre no século XX e o nome deriva da palavra latina *buxis*. No *Houaiss* (2009), encontramos para o verbete *boceta* cinco significados, sendo que o quarto deles aponta para o órgão feminino "vulva". Nessa classificação, não há qualquer adjetivação do termo. No *Dicionário do palavrão e termos afins* (2010), a palavra *boceta* é classificada como "órgão sexual feminino" e é exposto quatro trechos com autores distintos que fazem uso da palavra. Em um desses trechos, o autor coloca um poema português do século XVIII, "e ele com o dedo grande do pé querendo alcançar a boceta de Ruth". Esse trecho é importante para o leitor perceber que o impropério não é uma palavra contemporânea, mas já é utilizada, segundo esse dicionário, desde o século XVIII em textos literários. Outra característica desse dicionário é que não existem adjetivos com cargas semânticas negativas como "chulo", "vulgar" ou "grosseiro". No *Dicionário UNESP do português contemporâneo* (2012), aparecem apenas dois sentidos possíveis, "caixa pequena" e "vulva". Nesse, além de aparecer o adjetivo chulo "Ch", também há uma observação, quase uma advertência, que ressalta o uso inadequado, já que é "muito grosseira e vulgar". Percebe-se, portanto, que o autor, além de classificar a palavra como chula, ainda teve a necessidade de colocar uma observação utilizando um advérbio de intensidade e dois adjetivos com caráter negativo.



A partir da análise do verbete *boceta*, percebe-se que de sete dicionários analisados, apenas dois – o *Aurélio* e o *Dicionário do palavrão e termos afins* - não tacham a palavra como chula ou vulgar. Na maioria dos dicionários, o sentido para órgão sexual feminino é a última acepção, e os autores não se aprofundam no sentido, renunciando às frases explicativas e contextualizadas, tão frequentes em outros verbetes. Nota-se que uso de adjetivos, que são modalizadores discursivos, já indica a opinião ou ponto de vista subjetivo do lexicógrafo em relação ao verbete “*boceta*” quando indica palavrão. Isso vai ao encontro do que disse Chauí (2002), ou seja, de que a neutralidade científica é uma ilusão, o que implica dizer que o dicionário de língua exerce uma escolha valorativa ou de juízo de valor sobre o léxico da língua.

Quadro 2 - Definições do verbete *caralho*

DICIONÁRIOS	CARALHO
AULETE (1964)	s. m. (chul.), pênis. F. lat. <i>Caraculu</i> (pequeno pau).
AURÉLIO (1986)	S. m. Chulo. 1. O pênis. * Interj. 2. Designa irritação, indignação: “Paciência, tenho hora certa pra pegar o batente, viu? E com esse trânsito, caralho!” (Lígia Fagundes Teles, A disciplina do Amor p. 104.) * Pra caralho. Bras. Chulo. Em grande quantidade, força ou intensidade; à beça. [Tb. Se usam as f. contratas paca e pacas.]
MICHAELIS (2002)	lat <i>caraculu</i> , pequena estaca) ch Pênis, cacete, pica. Interj. Usada para traduzir indignação ou admiração. Pra caralho, ch: em grande quantidade.
Dicionário etimológico da língua portuguesa (2007)	sm. ‘pênis’ XIII. Do lat. * <i>caraculu</i> ‘pequeno pau’, deriv. do gr. <i>chárax</i> ‘estaca, paliçada’.
HOUAISS (2009)	S.m. (sXIII) tab. 1 o pênis interj. tab. 2 expressão us. Para demonstrar admiração, entusiasmo <c. que maravilha!> 3 expressão que indica indignação <saia daí, c.!> para ou pra c. B tab. 1 muito, demais, extremamente <gostou do filme pra c.> 2 em profusão, em grande quantidade; à beça <veio gente pra c. à apresentação> GRAM dim.irreg.: carallete USO com sentido da loc. Empregam-se tb. as reduções paca, pacas e praça ETIM orig.duv.
Dicionário do palavrão e termos	Caralho. Pênis. Segundo L. Spitzer, vem do latim <i>characulu</i> , diminutivo de <i>Kharax</i> , palavra grega que significa estaca,



afins (2010)	pau, registra Silveira Bueno (3). Este vocábulo também é bastante usado em Portugal e, conforme informação do repórter Luís Rosa Duarte, do jornal <i>A Capital</i> , de Lisboa, muda a intensidade de sua significação: no Norte de Portugal, por exemplo, <i>caralho</i> tem o mesmo significado que no Sul, mas no Sul é um termo altamente obsceno, o que não acontece no Norte, onde as pessoas costumam usar o vocábulo sem aquela intensidade altamente obscena. Abons.: 1. “Destruída a imagem, nós fazemos um monumento ao <i>caralho</i> e o botamos lá em cima.” [CONY, Carlos Heitor. Pilatos. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974, p. 73]; 2. “...e, ainda assim, fica o <i>caralho</i> preciso / Para, da Terra Eva no Paraíso!!” [GUERRA JUNQUEIRO (Portugal: 1850-1923), “ <i>A torre de babel</i> ou <i>A porra de Soriano</i> ”. In: Poesia portuguesa erótica e satírica (Séculos XVIII-XIX). Portugal, Edições Afrodite, 1975, p. 344].
Dicionário UNESP do português contemporâneo (2012)	ca.ra.lho Sm (<i>Ch</i>) 1 pênis Interj 2 Expressa entusiasmo ou indignação > para c. (i) em grande quantidade: <i>Ele tem dinheiro pra c.</i> (ii) em demasia: <i>A moça falava pra c.</i> (iii) de modo extraordinário: <i>Rui canta pra c.</i> *Em qualquer desses usos é muito grosseiro.

Diferente do verbete anterior, a palavra *caralho* encontra-se em todos os dicionários pesquisados. Para essa palavra, é atribuído um único sentido, o de pênis. No *Aulete* (1964), há uma pequena definição, a qual aponta que seu uso tem caráter chulo e que o impropério tem raiz latina, sendo a palavra originária *caraculu*, que significa pequeno pau. No *Aurélio* (1986) já inicia a definição tachando o verbete como chulo. É interessante que só é atribuído o valor negativo para este vocábulo no sentido de interjeição, que expressa, nas palavras do autor, "irritação, indignação"; ou seja, para o autor, a palavra só seria utilizada em circunstâncias negativas. Para contextualizar e fundamentar esse uso, está na definição do impropério um trecho do livro de Lígia Fagundes Teles, no qual um motorista está no trânsito e expressa sua irritação ao gritar “caralho”. Além da interjeição, o dicionário acusa o uso da palavra como advérbio de intensidade, que, todavia, não escapa da recorrente taxação de “chulo”. É interessante analisarmos que, comparando a definição dos vocábulos *boceta* e *caralho*, no dicionário *Aurélio* (1986), vemos que, no mesmo dicionário, a primeira acepção é definida com muito mais tolerância do que a segunda palavra, já que a ela não é atribuída qualquer característica negativa. Em contraposição, o vocábulo *caralho* é qualificado apenas com o sentido negativo, sendo tachado como chulo. O *Michaelis* (2002) traz a informação de



que a palavra se originou do vocábulo *caraculu*, que significava pequena estaca. De forma mais concisa, é apresentado que o verbete pode expressar admiração ou indignação, apontando, como os outros dicionários, que *caralho* é um termo “chulo”, sendo sinônimo de “cacete” e “pica⁴”. O *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (2007) apenas assinala brevemente que o verbete significa pênis e que deriva da palavra latina *caraculu*, surgindo no século XIII. Não há qualquer adjetivação, positiva ou negativa. *Houaiss* (2009) indica que o verbete é um tabu (tab) e aponta para os sentidos possíveis, sem atribuir valores negativos à palavra. Para o *Houaiss* (2009), a palavra pode ser usada com dois objetivos: ou como uma interjeição, ou como uma expressão. Para essas duas possibilidades, é dada uma série de frases exemplificativas e contextualizadas, que demonstram que a palavra pode ser usada para entusiasmo, admiração, indignação ou, ainda, pode ser empregada com a mesma ideia de um advérbio de intensidade “<gostou do filme para c.>” (HOUAISS, 2009). Além dessas informações, o verbete também apresenta o século em que a palavra surge, qual seja, o século XIII.

Comparando as definições dos sete dicionários, vemos que, no *Dicionário do palavrão e termos afins* (2010), há algumas informações adicionais e, como sempre, inexitem as adjetivações ou advertências de cunho moral. Assim, além de o autor mostrar que *caralho* é derivado de *characulu*, ele esclarece que a palavra latina deriva do diminutivo de uma palavra grega, *Kharax*. Somado à origem do vocábulo, também traz a informação do uso desse impropério em Portugal, tendo variações nas regiões do Norte e do Sul, de maneira que, a depender do lugar onde é empregada, a palavra pode ser percebida como extremamente obscena ou pode ser utilizada de forma natural. Por último, o *Dicionário UNESP do português contemporâneo* (2012) segue a mesma perspectiva do HOUAISS (2009), já que indica que o vocábulo pode expressar entusiasmo ou indignação, servindo também como intensificador de alguma ideia ou palavra. Após apontar os sentidos seguidos de exemplos, o autor faz uma ressalva de caráter moralista, advertindo que “em qualquer desses usos é muito grosseiro”.

Quadro 3 - Definições do verbete *cu*

4 O verbete “pica” não é chulo nem tem conotação negativa no português europeu.



VII ENLETRARTE

Encontro Nacional dos Professores de Letras e Artes
DO PAPEL AO PALCO: ATOS DE RESISTÊNCIA

02 a 04 de Outubro de 2018
Campos dos Goytacazes/RJ

DICIONÁRIOS	
--------------------	--

	CU
--	-----------



AULETE (1964)	s. m. (chul.), o ânus. A parte do corpo sobre que os homens e outros animais se apoiam quando se assentam; nádegas: Prometendo Pêro Sarmaneto a El-Rei... que ele o açoitaria no <i>cu</i> , como fazem ao menino. (Fernão Lopes, <i>Crôn. D. oão I</i> , c. 145, p.294, Ed 1945) Lavar-lhe o nédio <i>cu</i> e até beijar-lho. (Cruz e Silva, <i>Hissope</i> , I, p. 24, Ed. 1910) O fundo da agulha, parte oposta ao bico ou penta. No pão, parte oposta ao ferrão. Cr. <i>Ver. Lusitana</i> , XI, p. 309 (Náut.) A extremidade do moitão ou bigota, oposta à cabeça. F. lat. <i>Culus</i> .
AURÉLIO (1986)	cu. [Do lat. <i>culu</i> .] S.m. Chulo. 1. V. ânus. 2. P. ext. Nádegas (1). 3. Fundo da agulha, oposto à ponta ou bico. 4. Marinh. Ant. A parte inferior dum poleame, oposta à cabeça. * Dar o cu. Chulo. Ser pederasta passivo; tomar no cu. Fazer cu doce. Bras. Chulo. Fingir não aceitar alguma coisa, quando intimamente muito a deseja. Ficar com o cu na mão. Bras. Chulo. Ficar cheio de medo, apavorado. Não ter o cu que periquito roa. Bras. Chulo. Ser extremamente pobre. Tirar o cu da seringa. Bras. Chulo. Livrar-se de situação embaraçosa. Tomar no cu. Chulo. Dar o cu.
MICHAELIS (2002)	(lat <i>culu</i>) ch 1. Anus. 2 Nádegas. 3 Fundo da agulha de costurar à mão, onde se acha o orifício. C.-de-boi: briga, desordem, rolo. C. de-cachorro: planta da família das Acantáceas, originária da África. C.-de-ferro: estudante aplicado e assíduo às aulas. C.-de-judas: lugar distante. C.-de mãe joana: a) coisa que em todos se metem; b) negócio sobre o qual todos querem dar a sua opinião.
Dicionário etimológico da língua portuguesa (2007)	<i>sm.</i> ‘ânus’ XIV. Do lat. <i>culus -i</i> cueca(s) <i>sf.(PL)</i> ‘peça íntima do vestuário masculino usada sob as calças’ 1813 cuEIRO <i>sm.</i> ‘pano em que se envolve o corpo das criancinhas da cintura para baixo’ XV
HOUAISS (2009)	S.m. (sXIV) tab. 1 orifício na extremidade inferior do intestino grosso, por onde se expelem os excrementos; ânus, ano 2 P tab. Conjunto das nádegas e do ânus; bunda, traseiro 3 p.ana fundo da agulha 4 MAR ant. extremidade inferior de poleame oposta à cabeça cu da mãe joana B tab. m.q <i>CU DE MÃE JOANA</i> * cu de boi infm. tab. 1 B confusão, briga, envolvendo pessoas 2 BA pistola que se carrega pela abertura do cano; garrucha * cu de breu PIROT PE infm. m.q <i>BUSCA-PÉ</i> * cu de ferro B infm. tab. lugar muito distante de onde se está, fim de mundo, cafundó * dar o cu tab. praticar (passivamente) o coito anal; tomar no cu * encher o cu tab. comer demais * ficar com o cu na mão <i>fraseol.</i> tab. ficar apavorada, cheio de medo * não ter no cu o que periquito roa <i>fraseol.</i> tab. estar pobre demais, estar completamente sem dinheiro *no cu de judas tab. longe



	demais * tirar o cu da seringa B tab. desembaraçar-se de algo desagradável * tomar no cu tab.m.q DAR O CU ETIM lat. culus, i ‘ânus, cu, traseiro SIN/VAR ver sinonímia de ânus
Dicionário do palavrão e termos afins (2010)	“Ânus”, registra Aurélio Buarque de Holanda (2). Abons.: 1. “A dar por um ano inteiro / O <i>cu</i> de graça ao Diabo” [TOLENTINO, Nicolau (Portugal: 1740-1822), “Zamperineida”. In: <i>Poesia portuguesa erótica e satírica</i> (Séculos XVII-XIX). Portugal, Edições Afrodite, 1975, p. 158]; 2. “Vem demonstrar em resumo / Que o boi está com o <i>cu</i> / Já meio fora do prumo” [CARDOZO, Joaquim. <i>O Coronel Macambira</i> . Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1970]. Adágios: 1 – Cachorro que engole osso é porque tem confiança no <i>cu</i> . 2- <i>Cu</i> de bêbado não tem dono. 3 – Não se deve contar com o ovo no <i>cu</i> da galinha. 4 – O que a boca fala o <i>cu</i> paga. 5 – Quando a merda der preço o <i>cu</i> do pobre entope. 6 – Quem aluga o <i>cu</i> não caga quando quer. 7 – Quanto mais alguém se abaixa mais lhe aparece o <i>cu</i> . 8 – Quem tem <i>cu</i> tem medo.
Dicionário UNESP do Português Contemporâneo (2012)	Sm (<i>Ch</i>) 1 ânus 2 (<i>Lus</i>) nádegas; bunda. *Uso vulgar e grosseiro.

Os dicionários *Aulete* (1964), *Aurélio* (1986) e *Michaelis* (2002) apontam o verbete *cu* praticamente da mesma forma, indicando que é um termo chulo para se referir a ânus. Com exceção do dicionário *Aulete* (1964), os outros dois trazem a origem etimológica do termo que se originou do latim *culu*. O *Aurélio* (1986) e *Michaelis* (2002) apontam também para três possíveis sentidos - ânus, nádegas e o fundo da agulha, oposto à ponta ou bico. Já o dicionário *Aulete* (1964) aponta apenas para o sentido de ânus, trazendo exemplos de textos do século XX.

Para esse verbete, o *Aurélio* (1986) traz uma série de exemplos que expressam falas cotidianas. Além de apresentar variados exemplos, a obra explica os diferentes sentidos para as distintas expressões em que se emprega o verbete. É o exemplo de “dar o cu”, “tomar no cu” e “fazer cu doce”, em que cada expressão tem um sentido distinto. Explicar esses sentidos é um fator que difere positivamente o *Aurélio* (1986) dos outros dicionários pesquisados, em que pese o fato de que todos os exemplos estejam marcados como chulos. O *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (2007) não caracteriza o vocábulo de forma pejorativa. Por outro lado, como os outros dicionários, ele também



indica a origem latina, mas acrescenta a informação de que a palavra primária *cu* deriva, em 1813, do vocábulo *cueca*. Seguindo o mesmo modelo do *Aurélio* (1986), o *Houaiss* (2009) apresenta diversas expressões com o vocábulo como “cu da mãe Joana”, “cu de breu”, “cu de ferro”, “encher o cu”, além daquelas já apresentadas pelo *Aurélio* (1986). Apesar da semelhança, os dois diferem na caracterização, já que o *Aurélio* (1986) tacha os impropérios como chulos, enquanto o *Houaiss* (2009) os define apenas como um tabu. O *Dicionário do palavrão e termos afins* (2010), além de indicar as expressões parecidas com aquelas trazidas pelos dicionários *Aurélio* (1986) e *Houaiss* (2009), como “cu de bêbado não tem dono” e “quem tem cu tem medo”, também apresenta uma citação de Sérgio Buarque de Holanda e um excerto de uma poesia portuguesa erótica e satírica dos séculos XVII e XIX. De todos os dicionários, o *Dicionário UNESP do português contemporâneo* (2012) é o mais sintético, ao apontar apenas que o verbete significa ânus, nádegas e bunda, sem deixar de qualificar o seu uso como vulgar e grosseiro.

DICIONÁRIOS	FODER
AULETE (1964)	v. tr. e intr. (chul.) copular, ter ajuntamento carnal com. (Fig.) Enganar, iludir; prejudicar; estragar. __, v. PR. (chul.) malograr-se, prejudicar-se. F. lat. <i>Futuere</i> .
AURÉLIO (1986)	[Do lat. *futare, de futuere.] Chulo. V. t. i. e int. 1. V. copular (2). P. 2. Bras. Sair-se muito mal (de qualquer intento); entrar pelo cano [q. v.]. 3. Bras. Não fazer caso; não ligar importância. 4. Bras. Levar o diabo; danar-se.
MICHAELIS (2002)	Ch (lat futuere) 1- Copular, meter: Pedro fode todos os dias. Pedro fode com qualquer mulher. 2- Prejudicar: o Governo que é foder o povo. vpr 3- pop sair-se mal: trabalhe bem, senão você se fode.
Dicionário etimológico da língua portuguesa (2007)	Não consta o verbete
HOUAISS (2009)	v. (sXIII) tab. 1 t.d.,t.i.int m.q COPULAR (‘ter relação’) 2 t.d.,t.i.e pron. <i>fig.</i> B causar mal a ou sair-se mal; arruinar(-se), desgraçar(-se). foda-se ou fodam-se B tabu. m.q. QUE SE FODA * fodeu-se b. B tab. indica que alguma coisa está perdida, que não tem mais solução ou cujos resultados



	fogem ao controle * que se foda ou fodam ETIM lat. vulg. *futare, alt do lat. cl. futuo, is ui, utum,ere' ter relações com a mulher HOM foda (1ª,3ª p.s.), fodas (2ªp.s.) foda (s.f) e pl.
Dicionário do palavra e termos afins (2010)	Verbo transitivo; <i>fodere</i> (latim: cavar, furar, picar), registram J. F. Marques E a. j. Novais ordão (42). Fornicar, copular, trepar, afogar o judas. Abon.: “Branca para casar, mulata para <i>foder</i> e negra para trabalhar; provérbio do tempo do Império” [PEREZ, José. <i>Provérbios brasileiros</i> . Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1969, p. 2S].
Dicionário UNESP do Português Contemporâneo (2012)	fo.der (<i>Ch</i>) Vt 1 arruinar; prejudicar; desgraçar: <i>Já vi que ele está a fim de me foder</i> . (+com) 2 copular; manter relações sexuais [Pron] 3 arruinar-se; desgraçar-se; sair-se mal: <i>Desculpe a expressão, seu Afonso, mas eu acho que desta vez me fodi</i> . *Em qualquer acepção é vulgarismo grosseiro.

Quadro 4 - Definições do verbete *foder*

Ao tratar do vocábulo *foder*, o *Aulete* (1964) aponta três sentidos possíveis para a palavra, nas quais o sentido de copular está definido como chulo, a acepção de enganar está como sentido figurado e, por último, novamente é atribuído o adjetivo chulo para o sentido de prejudicar. Portanto, *foder* pode significar copular, enganar e prejudicar-se. O *Aurélio* (1986) apresenta quatro sentidos que são assinalados por expressões que resumem o que seria *foder*, com exceção da primeira acepção, que é indicada como sinônimo do verbo copular. Portanto, as três acepções restantes possíveis são expressas por “sair-se muito mal”, “não fazer caso” e “danar-se”. Já o *Michaelis* (2002) indica três sentidos – copular, prejudicar e sair-se mal – sendo, portanto, similar ao *Aulete* (1964). No entanto, o *Michaelis* (2002) propõe frases contextualizadas, o que o difere dos outros dois dicionários analisados. Para o sentido de copular, há a frase “Pedro fode todos os dias”; já no sentido de prejudicar, é dada a frase “o governo é que fode o povo”; e, para a ideia de sair-se mal, tem-se o exemplo “trabalhe bem, senão você se fode”. O *Michaelis* (2002) fornece o verbo aplicado em frases cotidianas. Não há nenhuma definição no *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (2007). O *Houaiss* (2009) apresenta duas significações, “copular” e “causar mal ou desgraçar-se”.



Este último sentido equivale às expressões “foda-se”, “fodam-se” e “que se foda”, explicando de forma mais detalhada que é algo que foge do controle. O dicionário também apresenta as declinações do latim “futere, alt do lat. cl. futuo, is ui, utum, ere”, além de informar o século em que a palavra surge. O *Dicionário do palavrão e termos afins* (2010) indica que o verbo *foder* deriva do verbo latino *fodere*, cujo significado era cavar, furar, picar. Esse dicionário aponta que o vocábulo é sinônimo de fornicar, copular, trepar e “afogar o judas”. Não há adjetivações ou advertências sobre o uso do verbete. O *Dicionário UNESP do português contemporâneo* (2012) também aponta para três significados – arruinar, prejudicar e desgraçar. Para os três sentidos apresentados há frases exemplificativas, e o dicionário observa que “em qualquer acepção é vulgarismo grosseiro”.

Quadro 5 - Definições do verbete *merda*

DICIONÁRIOS	MERDA
AULETE (1964)	s. f. (pleb.) excremento humano ou de outros animais; dejetos. Porcaria, sujidade. __, s. m. (chul.) sujeito sem préstimo. __, interj. plebeia, indicativa de desprezo ou repulsão. F. lat. Merda.
AURÉLIO (1986)	[Do lat. merda] S. f. Pleb. 1. Matérias fecais; excremento, dejetos. 2. Imundície, imundícia, porcaria. 3. Coisa insignificante, ruim, irritante ou repulsiva; títica. * S. 2g 4. Pessoa insignificante, sem valor ou sem préstimo; títica: “Ele, Chico, era um bêbado. Muito abaixo de um merda como Mário.” (Gilvã Lemos, Jutai Menino, p. 57)
MICHAELIS (2002)	¹ sf (lat merda) ch 1 Excremento. 2 Porcaria, sujidade. 3 Coisa sem valor. sm ch sujeito sem préstimo. Interj. Ch Indica repulsão ou desprezo. ² sf (de merda ¹) Teat Expressão utilizada entre os atores, antes de entrarem em cena, para desejar boa sorte.
Dicionário etimológico da língua portuguesa (2007)	sf. ‘matéria fecais, excremento’ XVI. Do lat. <i>merda</i> -ae merdi . COLA 1873 merdi . VORO 1899
HOUAISS (2009)	s.f. (1255) 1 tab. matéria fecal; excremento, fezes 2 p ext. tab acúmulo de lixo, de sujeira; imundício, porcaria, sujidade 3 p.ext. <esse filme é uma m.> 4 p.ext.tab. situação difícil; ruína, miséria <está numa m. de fazer dó> s.2g. 5 fig. tab. pessoa insignificante, que não presta para coisa alguma interj. tab. exprime raiva, desprezo, decepção, indignação etc. 7 TEAT infirm. exprime desejo de boa sorte, bons augúrios de m. fig B tab. que não vale nada; muito ordinário



	<leva uma vida de m.> ETIM lat merda,ae ‘excremento e insignificância’; como s.2.: sinonímia de <i>joão-ninguém</i> .
Dicionário do palavrão e termos afins (2010)	a) Matérias fecais, excrementos. Abon.: “Amanhã é o meu dia de limpar o banheiro. Limpar <i>merda</i> dos outros” [SILVA, Aguinaldo. <i>Redenção para Job</i> . Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1961, p. 29]; b) <i>Merda</i> também significa qualquer coisa que não presta. Abon.: “Donde compreender as palavras que moderno escritor francês põe muito à francesa na boca do Quixote espanhol: “Que <i>merda</i> seria o mundo se fosse apenas o que representa ser” [FREYRE, Gilberto. <i>Doutoramento de Gilberto Freyre</i> . Recife, Editora Universitária, 1972, p. s/n]. O vocábulo <i>merda</i> , bastante usado principalmente pelo povo francês, varia de significação de conformidade com a ocasião e até mesmo com o tom da voz de quem o profere: “Você é um <i>merda!</i> -, não chateie, não amole, dande-se; Vá à <i>merda!</i> ” “Você é um chato, um bolha, um zéninguém”; “Isto é lá festa! É uma <i>merda!</i> Uma festa que não presta, desanimada, cacete; “Maria é uma <i>merda!</i> ” Uma mulher sem atrativos físicos etc. Como reforço, ainda se usa o vocábulo <i>merda</i> associado a outros: <i>merda viva, merda pura, puta merda</i> . Há também o gesto milenar de se mandar alguém à <i>merda</i> estirando-se a língua, gesto que, segundo Luís da Câmara Cascudo, está registrado nas <i>Sátiras</i> de Aulo Pérsio e que, apesar dos pesares, continua sendo uma saudação do Tibete. Do latim <i>merda</i> .
Dicionário UNESP do português contemporâneo (2012)	mer.da Sf (Ch) [Co] 1 fezes; excremento 2 coisa imprestável; inútil: <i>Esse carro não sai da oficina. não sei por que comprei essa m.</i> S [Co] 3 pessoa ruim: <i>Esse m. não vale o feijão que come.</i> [Ab] 4 situação difícil; miséria: <i>Perdeu tudo no jogo, hoje sua vida é uma m.</i> Interj 5 expressa contrariedade, raiva, repulsa: <i>M.! Perdi a aposta de novo!</i> > à m. usada para xingamento de m. ruim; péssimo: <i>Assistimos a um filme de m. na m. na ruína; na miséria</i> *Em qualquer caso, é uso grosseiro.

Para o vocábulo *merda*, todos os dicionários trazem acepções similares. De modo geral, *merda* é sinônimo de fezes, excremento, sujeira e pessoa sem importância. No dicionário *Aulete* (1964), o verbete aparece de forma bem objetiva, informando que é chulo quando usado para qualificar alguém sem préstimo. O impropério deriva da palavra latina que se escreve da mesma forma como a atual. O *Aurélio* (1986) estende-se mais no vocábulo, apontando que *merda* pode ser considerado “Coisa insignificante, ruim, irritante ou repulsiva; titica”. Além de fornecer mais sinônimos, há uma frase



exemplificando o sentido do verbete. O *Michaelis* (2002) difere-se dos outros dois, já que apresenta a informação de que além do sentido de fezes e sujeira, há também o sentido de *merda* que se aplica no mundo artístico, cujo significado refere-se à boa sorte, sucesso. O *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (2007) apresenta uma definição breve que aponta que a palavra se origina do latim *merda, -ae*, no século XVI. Já o *Houaiss* (2009) difere-se dos outros por abordar diferentes exemplos de frases cotidianas “esse filme é uma m.”, “está numa m. de fazer dó”, e “leva uma vida de m.”. Esse dicionário indica que o vocábulo surge no século XIII e, como o *Michaelis* (2002), também indica para o sentido que exprime desejo de boa sorte.

Sem dúvidas, o *Dicionário do palavrão e termos afins* (2010) é o mais extenso para definir esse verbete, pois além de apontar para a acepção de sujeira e fezes, também informa aos leitores que *merda* é um impropério muito usado, especialmente, na França. Percebemos, então, que esse dicionário define o verbete e mostra também uma perspectiva regional, já que traz informações relevantes sobre o uso do verbete em alguns países, como o caso da palavra *caralho*, que pode ser naturalizado ou considerado obsceno em algumas regiões de Portugal, e o caso do povo francês, que utiliza com maior frequência o vocábulo *merda*. Novamente, o dicionário não faz qualquer ressalva ou adjetivação com relação ao uso do verbete. No *Dicionário UNESP do português contemporâneo* (2012), há uma definição considerada até extensa comparando com os outros verbetes do mesmo dicionário. Existem várias frases que expressam os possíveis sentidos e, como padrão, o autor faz uma observação advertindo que, em qualquer uso, a palavra é grosseira e vulgar.

Nesta seção, viu-se que os verbetes em diferentes dicionários carregam, muitas vezes, uma carga ideológica que atravessa as acepções lexicográficas. Antes das comparações propriamente ditas, procurou-se desmistificar as ideias de completude e de isenção ideológica que, normalmente, são atribuídas às obras científicas. Pela simples verificação da quantidade de verbetes presentes em cada obra e pela maneira como são feitas as escolhas lexicais de cada acepção, percebeu-se que a neutralidade científica é uma ilusão. Ora, fossem os dicionários, como obras científicas que são, completos e imunes à ideologia, todas as obras deveriam apresentar um mesmo número de verbetes que, necessariamente, deveriam ter acepções idênticas. Se isso não ocorre, como se viu,



é porque cada uma dessas obras foi influenciada pela ideologia de sua época, de seu autor, do contexto social do qual emanam etc.

5 Considerações finais

Tomar os palavrões ou impropérios como palavras chulas, negativas, cujo emprego serve apenas aos propósitos de ofender ou chocar, é uma posição que deve ser posta em perspectiva, porque é eivada de preconceitos. Neste trabalho, buscou-se ir além dessa visão evidentemente reducionista e, até certo ponto hipócrita, que posiciona os palavrões à margem do léxico, principalmente na sala de aula de língua portuguesa, na qual poderia ser analisado como uma classe de palavra qualquer. O falante do idioma sabe da importância desse grupo de palavras para a comunicação, cuja carga expressiva não pode ser desperdiçada por questões meramente ideológicas. Procurou-se, assim, esclarecer que o ato de tachar essas palavras, assim como o de proibi-las, apenas indica uma atitude autoritária, principalmente de lexicógrafos, apoiada em ideias e discursos que pregam a moral e os bons costumes e, conseqüentemente, vão dizer se uma palavra tem acepção chula ou negativa, mesmo fora de contexto. Por isso, palavras como *boceta*, *cu*, *caralho*, *foder*, *merda*, entre outras, não podem ser consideradas, por si só, como impropérios, quando analisadas isoladamente, sem a atribuição de qualquer valor no contexto de uso.

Dessa forma, é o falante o responsável por atribuir sentidos às palavras, que podem ser positivos ou negativos. Essas possibilidades de atribuir significações distintas não são exclusivas dos impropérios e podem ocorrer com qualquer palavra da língua. Portanto, o falante competente conseguirá empregar as mesmas palavras com sentidos diversos e caberá ao ouvinte entender seus significados a partir da interpretação dos contextos, da entonação, do tom e da linguagem corporal daquele que fala.

Por todas essas variáveis e situações, é que podemos afirmar que o uso dessas palavras não deve ser proibido ou marginalizado, mesmo em sala de aulas de língua portuguesa, pois, muitas vezes, são essas palavras que são capazes de expressar os sentimentos de modo mais genuíno e autêntico, como mostram vários autores de nossa literatura, em especial, Jorge Amado. Portanto, os impropérios podem ser usados para



denotar carinho, raiva, angústia, amor, felicidade, alívio, entre outros, como qualquer outra palavra, pois ele tem várias funções e valores, indo além daquelas prescritas nos dicionários de nossa língua.

Referências

AULETE, Francisco Júlio de Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Delta S.a., 1964.

AULETE, Francisco Júlio de Caldas. *Aulete Digital*. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2017. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/pudendo>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

BRASIL. Francisco da Silva Borba. Ministério de Educação Básica. *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*. Edição especial para o PNLD. São Paulo: Unesp, 2012.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*. Edição Revista e Ampliada. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MAIOR, Mário Souto. *Dicionário do palavrão e termos afins*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2010.

MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. 10. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ORSI, Vivian. Tabu e preconceito linguístico. *ReVEL*, v.9, n.17, 2011. [www.revel.inf.br]. Acesso em 13 de julho de 2018.

PINKER, Steven. As sete palavras que não podem ser ditas na televisão. In: _____. *Do que é feito o pensamento: A língua como janela para a natureza humana*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.



VII ENLETRARTE

Encontro Nacional dos Professores de Letras e Artes
DO PAPEL AO PALCO: ATOS DE RESISTÊNCIA

02 a 04 de Outubro de 2018
Campos dos Goytacazes/RJ

ROCHA, José Geraldo da; OLIVEIRA, Rosane Cristina de. Lexicologia e lexicofonia: uso e sentido do palavrão na cultura brasileira. In: XIX Congresso Nacional De Linguística e Filologia, 2., 2015, Rio de Janeiro. Artigo. Rio de Janeiro: Cifefil, 2015. v. 19, p. 346 - 355. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xix_cnlf/cnlf/02/023.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2018.